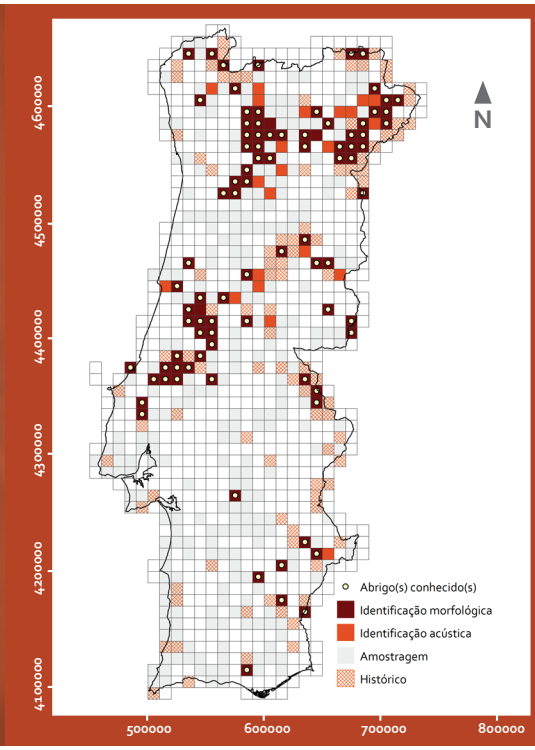
Rhinolophus ferrumequinum (SCHREBER, 1774)

Morcego-de-ferradura-grande

Fotografia de Ana Rainho



Rhinolophus ferrumequinum (SCHREBER, 1774)

QUESTÕES TAXONÓMICAS E DE IDENTIFICAÇÃO

Apesar de ser uma espécie de tamanho médio dentro do género *Rhinolophus*, é a maior do seu género na Europa e distingue-se com relativa facilidade das outras espécies de morcegos-de-ferradura existentes em Portugal [52].

Tal como as suas congéneres, os morcegos-de-ferradura-grande apresentam algumas características morfológicas bastante típicas, tais como o nariz em forma de ferradura e a ausência de trago. A estrutura nasal caracteriza-se pela posse de uma lanceta larga na base que termina numa ponta saliente, e um processo conectivo arredondado e mais curto que a sela [41, 53]. Quando em letargia envolve-se completamente nas membranas alares [24].

Os pulsos de ecolocalização são de frequência constante e de longa duração, com a frequência de máxima energia a situar-se entre os 78 kHz e 84 kHz, bastante característica da espécie, não existindo sobreposição com outras espécies do mesmo género [44]. O ultrassom emitido pelos morcegos-de-ferradura-grande é de curto alcance, atingindo apenas 5 a 10 metros [54], o que torna a sua deteção com detetor de ultrassons extremamente difícil. Por esta razão, considera-se que esta espécie terá sido subamostrada no decorrer da recolha de dados para o Atlas.

DISTRIBUIÇÃO

Global: Distribui-se desde o noroeste de África por todo a região mediterrânica Europeia, incluindo as ilhas de maiores dimensões e por toda a Ásia menor desde o Cáucaso até à China, Coreia e Japão [52].

Nacional: Em Portugal é relativamente frequente nas regiões do centro e norte do território continental, ocorrendo esporadicamente no Algarve [24]. Os dados recolhidos para o Atlas confirmam esta

distribuição, tendo-se registado uma maior frequência da espécie nas regiões centro e norte do território continental, observando-se que esta surge com menor frequência no sul do país.

HABITAT

Abrigos: Em Portugal, durante o verão forma colónias de criação em locais quentes de edifícios como sótãos, adegas ou palheiros ou em abrigos subterrâneos [24]. Durante o período de hibernação abriga-se principalmente em grutas e minas com temperaturas acima dos 7˚C [52]. Nas áreas mais a norte da Europa, com climas mais frios, abriga-se quase exclusivamente em sótãos [52].

Áreas de alimentação: Emergem do abrigo cerca de 25 minutos após o pôr do sol [55] e deslocam-se para as áreas de alimentação que se localizam geralmente próximas dos abrigos, na maioria das vezes até 3 ou 4 km de distância, podendo no entanto situar-se até 14 km [54]. Caçam em voo a baixa altitude sobre pastagens próximas de zonas bem arborizadas, ao longo de sebes, de orla de floresta ou outras estruturas lineares, ou penduram-se em galhos (normalmente até 2 metros do chão) a aguardar a passagem de uma presa [54]. Alimentam-se preferencialmente de escaravelhos e borboletas noturnas, mas também podem alimentar-se de mosquitos e vespas [54].

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

Estatuto: Vulnerável [51].

Legislação: Espécie incluída nos anexos B-II e B-IV da Diretiva Habitats e anexos II das Convenções de Berna e de Bona.

As principais ameaças a esta espécie derivam das atividades humanas, nomeadamente a degradação do habitat devido à utilização de pesticidas e outros químicos em explorações agrícolas ou no tratamento de madeiras; a fragmentação da paisagem, com a perda de corredores de voo entre abrigos e zonas de caça, sendo a urbanização um dos fatores que mais contribui para esta fragmentação, assim como a conversão da agricultura para modo intensivo; a perda de abrigos subterrâneos pela perturbação ou devido ao bloqueio da entrada por vegetação, ou a degradação completa ou recuperação menos cuidada de edifícios abandonados [54]. Por ser uma espécie que voa baixo e ao longo de orlas é suscetível a morrer por atropelamento [51, 56].

As medidas de conservação incluem o cadastro e monitorização dos principais abrigos; a limitação de acesso a abrigos importantes; o corte periódico da vegetação na entrada de abrigos cavernícolas; o acompanhamento de proprietários na manutenção e recuperação de edifícios que alberguem colónias de criação; assim como o incentivo à aplicação de métodos de produção agrícola e florestal extensivos, utilizando menores quantidades de químicos, e favorecendo a criação de orlas, que constituem zonas de alimentação ou corredores de passagem [51, 54].

Sílvia Barreiro

Fotografia de Margarida Augusto